SUMMARIO.

Conhecimentos-uteis: Reforma das pautas — Banco-de-Lisboa — Instrucção-publica — Policia-rural — Remedio para a cholera-morbus. Parte-litteraria: Viagens na minha terra (Capitulo XLII) — Os quatro irmãos (Romance. *Conclusão*) — Critica-litteraria (Collecção de memorias e documentos para a historia do Algarve) — Viagens (Quem foi o descubridor da ilha de San'Thomé?) — Nada mais que o meu amor (Poesia). — Correio-nacional.

CONHECIMENTOS UTEIS.

REFORMA DAS PAUTAS.

821 Por muitas vezes tenho enunciado n'este jornal a idea da necessidade e proveito de uma reforma na pauta das nossas alfandegas.

Não se tracta por ora da grande questão da liberdade do commercio; não se querem por em quanto chamar a debate as razões pro e contra que no estado do nosso paiz este systema poderia suscitar. Sem os precisos elementos ésta grave questão não poderia ser convenientemente tractada, e estes elementos não os tem ainda o paiz para os homens competentes poderem sobre elles estabelecer a sua opinião. Digo que os não tem ainda o paiz, porque entre nós não ha estudos especiaes sôbre nenhuma das bases que deveriam constituir os principios de uma questão d'ésta natureza. Falta-nos um systema de estatistica geral; e sem aturados e profundos estudos sobre o nosso commercio, agricultura existente e possivel, industria actual e praticavel, não se poderia decerto, sem temerario arrojo, arriscar pontos de doutrina assim improvisada sem os precisos fundamentos previamente recolhidos, discutidos e organizados.

Não será pois de uma discussão tam importante que se tracte agora. Mas a reforma das pautas, sem entrar em analyses tam severas e de tammanho alcance, póde e deve ser discutida em proveito do paiz e do thesouro publico. E para entrar n'esta discussão será porventura indispensavel analysar primeiro todas as partes da conveniencia ou não conveniencia de um systema de restricções, como meio protector da industria-nacional e de rendimento para o Estado? Analyse ésta que nos iria prender com a grande questão? Eu creio que não ha necessidade de uma analyse tam rigorosa. A reforma das pautas é uma providencia que progressivamente tem sido e vai sendo adoptada por todos os governos do antigo e do novo mundo, e ésta so razão bastaria a levarnos a pensar na reconsideração das nossas. Mas accresce ainda, a emancipação das colonias de todos os paizes, circumstancia que abre novos e vastos mercados aos negocios commerciaes do mundo; accresce mais a diffusão, cada vez mais ampla, por toda a parte d'esse novo e maravilhoso mechanismo do transporte por via dos carris-de-ferro, e da propagação da navegação a vapor. Ora, tudo isto reflecte mais ou menos, segundo a posição e estado das nações, não so no seu commercio extrangeiro mas ainda internacional.

A Inglaterra, julgou-se em estado de podêr começer a ensaiar o pensamento da liberdade do commercio, e deu um grande passo para elle. As outras nações não se consideram assim habilitadas para isso; não se atrevem a fazer tanto; mas todas vão fazendo alguma coisa.

A Inglaterra e os Estados-Unidos são as duas nações que exercem, directa ou indirectamente, maior ascendente sobre as transacções do commercio em todo o mundo. Os Estados-Unidos foi o paiz, entre todos, que mais se aproximou da Inglaserra nas reformas em grande escalla de suas pautas. É controvertivel porém, se o mesmo pensamento que presidiu a ésta reforma na Inglaterra a dirigiu tambem nos Estados-Unidos. Este último paiz não tem senão dois meios de receita para acudir ás suas enormes despezas, sempre crescentes: as terras publicas que pouco mais de 1,000 contos lhe renderão hoje, e o producto das alfandegas. Infere-se d'aqui, em quanto a mim muito razoavelmente, que o pensamento predominante na reforma das pautas dos Estados-Unidos foi o de tornar mais productivos os rendimentos das suas alfandegas, calculando sôbre este principio a reducção ou augmento dos diversos generos de importação.

Aqui está porque eu comecei dizendo que a reforma na nossa pauta poderia ser considerada independente da grande questão da liberdade do commercio, cuja applicação ao nosso paiz não me parece que haja hoje ninguem em estado de discutir, por falta dos elementos indispensaveis que dão a habilitação especial depois de adquirida a geral pelos necessarios estudos economicos. A reforma da nossa pauta, para ja, deveria pois, em quanto a mim, ser similhante á dos Estados-Unidos, e reduzir-se a este ponto:

Procurar ao thesouro o maior producto possivel, combinando a imposição dos direitos com a

Barateza das subsistencias
Barateza da mão-d'obra
Barateza das materias-primas
Facilidade da exportação.

Um assignante da Revista escrevendo o que

abaixo transcreverei, me fez occupar hoje d'este objecto. Chamo pois a attenção do govêrno e de toda a imprensa periodica, para os pontos que elle toca, ao que mostra com todo o conhecimento de causa.

A reforma dos Estados-Unidos parece comeffeito haver sido pensada com este mesmo fim, e debaixo d'este mesmo aspecto. Assim, vemos nós, por exemplo, elevados de 5 a 40 por cento os direitos sôbre o vinho da Madeira, de 9 a 40 os do vinho francez, de 12 a 40 os do vinho de Champagne; e diminuidos de 137 a 30 os dos vinhos de mesa, de 101 a 30 os do assucar, de 76 a 20 os do sal, etc. D'este modo os generos de consummo da classe opulenta são sobrecarregados, porque ha a presumpção de que esse consummo não diminuirá pela natureza dos consummidores; mas os generos de primeira necessidade, de consummo commum, são muito alliviados para que universalisando-se e facilitando-se mais esse consummo, possa a augmento d'elle produzir um rendimento superior ao que era produzido pela elevação dos direitos d'esses generos.

Entre nós havendo a coragem de praticar o mesmo, os resultados não podiam deixar de ser muito vantajosos para o thesouro e para o paiz. Que quer dizer impor direitos excessivos sôbre as materias primas de cuja industria viria riqueza á nação, e por outro lado maior rendimento ao Estado? Que quer dizer impor direitos excessivos sôbre objectos de um consummo geral, para excitar o contrabando, e diminuir d'este modo em vez de augmentar, que era o fim, o producto das alfangas? Por outra parte, não se deverão proteger, estimular á exportação, os unicos generos exportaveis que nós temos: o vinho, o sal, o azeite a chacina? Que quer dizer, conservar os direitos excessivos que operam no nosso vinho como encargos de exportação?

D'estes pontos importantissimos é que eu quizera ver tractar... Mas concluirei por hoje deixando fallar so o correspondente a que me referi.

Sr. Redactor. — Mais de uma vez tenho deparado no seu acreditado jornal com as suas luminosas ideas sôbre a conveniencia e urgente necessidade de se fazerem reducções nos direitos da pauta das alfandegas, de que me parece resultaria augmento de consummo de muitos artigos, e serem admittidos outros que estão excluidos do nosso mercado, offerecendo-se assim mais recursos para a premutação dos nossos productos, e consequente augmento da renda publica. Convencido d'estes beneficos resultados, seja-me permitido contribuir com as minhas humildes reflexões sôbre este transcendente assumpto, caso possam merecer o seu benevolo acolhimento.

As pautas de 1841, que em parte regem, ainda ninguem as taxou de terem sido calculadas com menos attenção aos dous grandes fins — renda publica e protecção á nossa industria — os seus deffeitos talvez sejam ainda excessos de zelo em sustentar estes dous objectos. A experiencia adquirida em quatro annos decorridos desde que appareceu a primeira pauta, havia contribuido para se fazerem efficazes alterações na ultima. Não obstante, depois da sua publicação o governo, como se tal reforma se não tivesse feito, continuou a mandar receber para a juncta do credito-publico, os direitos addicionaes que d'antes precebia pelo decreto de 6 de junho de 1839, alguns dos quaes recahem até sôbre generos de primeira necessidade, e que deveriam ter sido logo abolidos. Depois annularam-se os direitos differenciaes de 15 por ⁰⁄₀, que sôbre a primeira pauta favoreciam as mercadorias, quando eram importadas em navios nacionaes, os quaes mitigando até alli alguns excessos, haviam contribuido para animar a nossa navegação. Seguiu-se a pautilha do celebre salvaterio, augmentando consideravelmente os direitos estabelecidos, não lhe escapando infelizmente até as materias primas, como linho, ferro etc. Nada d'isto satisfazendo ainda aos desejos da *organisação das nossas finanças*, todos os annos foram sobrecarregando os direitos da pauta, e d'estas excrecencias com mais 3, 4 e 5 por ⁰⁄₀, — a titulo de augmento sôbre os emolumentos d'alfandega — resulta que hoje sôbre todos os direitos assim estabelecidos pagamos ainda mais 15 por ⁰⁄₀, e Deus sabe aonde chegaria esta *escala ascendente*. O resultado qual tenha sido, todos os sabem, — a diminuição gradual dos rendimentos das alfandegas. No anno de 1845, montou a 400 e tantos contos menos que no anterior; e este anno maior deverá ainda ser! O contrabando que se faz nas provincias em chá, assucar, manteiga, e especierias, e nas capitaes em sedas, bordados e artigos de luxo, é de todos conhecido, e não ha forças que o possam evitar, á vista de tão fortes incentivos. Além de d'isto ha artigos que estamos condemnados a nunca gosarmos, por quanto tendo direitos excessivos, não podem ser importados legalmente, e sendo volumosos, e de pouco valor, tambem não convidam ao contrabando; no emtanto as artes e o commercio soffrem com a sua falta.

Sendo a reforma da pauta, assumpto que exige mui serias considerações em relação como disse, á renda publica e protecção á nossa industria, apesar de constar haver muitos trabalhos feitos na commissão das pautas, todavia é de presumir que tenha ainda a decorrer largo tempo, antes que sejam feitas as competentes alterações, e o estado do paiz instando, parece ser de justiça pedir ao governo de S. M. que sem demora nos alivie d'essa farragem de impostos, com que uma inconsiderada avidez, com pretexto de fins que nunca conseguiu, nos tem sobrecarregado ha tantos annos, ficando a pauta de 1841, e so os direitos d'ella, em seu inteiro vigor, até que seja legalmente reformada.

Deste modo estou persuadido que a nossa industria nada soffreria, os rendimentos publicos augmentariam, e o nosso decadente commercio mais se animaria.

Um seu assignante.

BANCO-DE-LISBOA.

822 Este estabelecimento acaba de publicar o seu estado e movimento, relativo á primeira quinzena do corrente mez. Ésta nova conta, se bem que muito mais circumstanciada do que a primeira, de que ja tractei, ainda não é tam cabalmente explícita como era de desejar. Aqui darei as cifras que pude apurar em resultado da analyse d'esta conta.

Notas actualmente em circulação .	3,199:470$400
D.as capitalizadas n'esta quinzena.	58:199$200
D.as pagas, idem.....	92:288$800
Foram tiradas da circulação, idem .	150:488$000
Augmentaram os depositos, idem .	12:976$084
Pagou-se de dividendos, idem...	2:145$000
Diminuiu a sua responsabilidade, id.	81:457$716
O governo é devedor ao Banco da quantia de.....	5,924:130$578
O Banco tem imprestado sobre as suas mesmas acções, a quantia de.....	619:814$400
D.° sôbre penhores de oiro, prata, brilhantes, fundos do governo e acções de companhias.....	859:918$950
Lettras da Companhia Confiança-Nacional.....	973:000$000
D.as do contracto do Tabaco findo, extrangeiras e nacionaes.....	928:915$836
Supprimentos á caixa-filial do Porto, á casa da moeda, e em Londres	421:871$932
Valores em ser: oiro em moeda e cerceado, prata, cobre, e outros objectos.....	1,325:364$062
Total do credito do Banco...	10,053:015$758

Em quasi todas éstas quantias ha uma parte em papel.

O excedente de credito em 3 do corrente era de.....	5,310:367$331
Ficou sendo em 18, idem.....	5,289:049$767

É força porém confessar que pela fórma porque éstas contas teem sido organizadas, estes resultados so se podem achar depois de uma trabalhosa analyse, e d'esta vez ainda mais, em razão da nova conta não ter a menor referencia com a primeira.

INSTRUCÇÃO-PUBLICA.

823 O Conservatorio-real de Lisboa acaba de publicar o mappa do movimento das suas escholas na anno lectivo findo de 1845 — 46. O seu resultado é o seguinte:

Eschola de musica.

Matriculados.....	157
Approvados.....	92
Reprovados.....	5
Não fizeram exame.....	13
Perderam o anno.....	47

Eschola de declamação.

Matriculados.....	29
Approvados.....	6
Perderam o anno.....	21
Não fizeram exame.....	2

Eschola de dança.

Matriculados.....	18
Perderam o anno.....	6
Total dos alumnos	204

D'estes 204 alumnos so 130 tiveram regular frequencia. De todas as escholas a mais frequentada é sempre a de musica, e, sem contradicção, aquella cujos fructos mais abonam a necessidade e proveito d'este estabelecimento.

Este facto da frequencia de 130 alumnos em estudos especiaes, de que não ha no paiz senão um unico instituto, falla mais alto do que quantas diatribes e epigramas improvisem os seus inimigos, que confundindo as escholas umas com as outras, baralhando as classes do instituto, tomando defeitos de homens por defeitos de coisas, sem conhecimento dos seus estatutos, sem intelligencia para avaliar o nobre pensamento da sua criação, censuram o que não sabem devidamente comprehender, como quem mofasse da natureza por haver produzido um anão. Que o Conservatorio precisa reformado, assim como o necessitam todos os nossos estabelecimentos de instrucção, e em geral o nosso systema de educação publica, é uma verdade que ninguem contradiz. Mas d'ahi não se segue que o Conservatorio não tenha feito nada nem seja capaz de fazer nada. Eu abonarei todas as asserções dos seus detractores, se elles me mostrarem em Portugal algum outro estabelecimento que faça mais que o Conservatorio, e que não exista como este muito infezadinho...

POLICIA-RURAL.

824 Sr. *Redactor*. Muito conviria que V. por meio do seu muito acreditado jornal, reclamasse do govêrno promptas e efficazes providencia sôbre os guadas-das-quintas, porque nada ha mais importante e ao mesmo tempo absurdo, que estarem as nossas vidas á disposição de uma barbaridade da parte d'estes individuos, que a todas as horas comettem estão, impunemente, comettendo as maiores atrocidades, não so em todo o reino mas tambem nas abas de Lisboa, e até dentro dos seus muros.

Estes guardas a titulo de defensa da propriedade, ferem e assassinam a seu capricho e traçoeiramente com a maior impunidade. N'uma quinta bem proxima a ésta capital, e que pertence a uma alta personagem, um d'estes homens — que andava indisposto com um pobre saloio sem nota, chefe de familia, que tinha o habito de caçador — ha poucos dias, vendo-o senado áborda da vinha esperando os coelhos, aproveitatn do atrozmente a occasião para a vingança, o matou com um tiro, a pretexto de que o assassinado queria

furtar uvas! Este mesmo guarda não ha ainda muito tempo, que sem pretexto algum desfechou contra um homem, a quem feriu gravemente, e que passava com todo o socego por pe dos muros da referida quinta.

D'estes casos se estão praticando muitos, quasi todos os dias, por aqui e por todas as terras do reino. É portanto de urgentissima necessidade que se tomem efficazes providencias para que a nossa vida não esteja á merce de assassinos tolerados ou talvez protegidos. Lembro-me a este respeito dos seguintes meios, que V. rectificará ou ampliará como intender.

1.° As camaras-municipaes respectivas tomarão sob sua immediata inspecção todos os guardas do districto, que deverão ser organizados em corpo com regulamento especial.

2.° Nenhum proprietario poderá admittir guarda nenhum para as suas fazendas que não seja d'este corpo.

3.° Haverá todo o escrupulo na escolha dos homens que devem formar o corpo dos guardas; sindicando o seu comportamento, exigindo-lhe fiador de seus costumes etc.; para que não aconteça como agora, que ordinariamente so se dedicam ao mister de guardas os homens malvados, os conhecidos por *pimpões* do logar.

4.° So na ultima extremidade lhes será permittido usarem da sua espingarda; e ainda assim nunca de dia, salvo em defensa propria, e segundo o determinado nos regulamentos militares.

Com um corpo de guardas campestres, assim convenientemente organizado, se poderiam tambem tirar outras vantagens publicas; como, por exemplo, evitar contrabandos etc.

Um Assignante que tem propriedades ruraes.

O assumpto sôbre que o nosso correspondente nos communica as suas excellentes ideas, é certamente da maior gravidade. Uma boa policia rural, e como parte d'esta a organização de um corpo de guardas campestres, merece comeffeito todo o disvello e zêlo por parte da administração do paiz. Sabe-se que em França ha ésta organização, similhante á que lembra o nosso correspondente. La os guardas-campestres, creados pelas *communas*, são pagos por ellas, estão sob a jurisdicção dos juizes-de-paz e da superintendencia dos officiaes da *gendarmerie* do respectivo cantão. Ultimamente uma lei de 1837 entregou ao *maire* a nomeação dos guardas-campestres com approvação do conselho-municipal, e encarregou-os aos *subprefeitos*. Mas em França attaca-se ésta organização como ella é actualmente. Entre nós nada ha a este respeito. É provavel que mais de espaço me occupe d'este objecto.

REMEDIO PARA A CHOLERA-MORBUS.

825 Veio-nos á mão um opusculo intitulado — *on the antidotal treatment of the epidemic cholera* — publicado mui recentemente em Londres por John Parkin, no qual este medico inglez se propõe mostrar que o gaz carbonico ou simplesmente o carvão é por excellencia o *antidoto* da cholera-morbus. Felizmente, Sr. Redactor, que nos não accommetteu na presente estação mais este flagello, e ja agora esperâmos em Deus que nos continuará a livrar d'elle; todavia não julgâmos inutil dar noticia do resultado das observações do doutor Parkin, afim de que os nossos medicos portuguezes possam na primeira occasião, que se lhes offerecer, ensaiar um tractamento tam efficaz, e que foi geralmente adoptado em Hispanha e Inglaterra com optimo resultado.

O A. divide a cholera epidemica em quatro estados, characterizados pelo vomito, diarrhea, collapso, e reacção febril; e da confrontação d'este quadro de symptomas com o que se observa nos invenenamentos espontaneos deduz — que a cholera é uma perfeita intoxicação, resultante da acção deleterea de uma substancia que provavelmente reside na atmosphera, e que introduzindo-se na economia vai atacar directamente todo o systema nervoso ganglionar, d'onde resulta o desarranjo ou suspensão das funcções organicas a que este systema preside. — Ora se quando um veneno qualquer é introduzido na economia, a 1.ª indicação é — ou tornal-o inerte, ou removel-o do logar que occupa —, a razão e a analogia mostram que a mesma indicação se deve preencher no tractamento da cholera morbus. É verdade que os nossos meios de analyse nos não revelaram ainda qual seja a natureza e composição d'esse veneno subtilissimo da cholera, e por isso impossivel é saber por um modo directo e terminante, quaes são os seus antidotos, porém se porventura se mostrar que uma substancia qualquer applicada a um grande número de cholericos produz por si so a sua cura, concluiremos forçosamente que essa substancia é o antidoto d'aquella terrivel molestia.

Raciocinando d'este modo passa o A. a mostrar que o carvão e o gaz-carbonico, mas particularmente éste ultimo, são comeffeito esse verdadeiro antidoto, e apresenta como prova a prática seguida por muitos medicos, e nomeadamente pelo Dr. Wilson, o qual *curou milhares de cholericos* so com o carvão recentemente preparado, e transcreve de um manuscripto d'este pratico o seguinte «*que o carvão produz grande proveito em todos os estados da cholera, mas nos dous primeiros* (vomito, e diarrhea) *é eminentemente curativo.*» — Accrescenta o Dr. Wilson que o carvão é tambem preservativo da cholera, porque muitos individuos que usaram d'elle, não foram atacados, ou o foram muito ligeiramente. Esta virtude curativa sobresáhe, segundo a pratica do A., no gaz-carbonico, cuja acção é mais prompta e energica. Este gaz, continúa o A., ou seja empregado nos dois primeiros estados da cholera, ou ainda no do collapso incipiente suspende immediatamente as nauseas e os vomitos, extingue a sêde, dissipa o calor e sensação d'ardor epigastrica, destroe os spasmos, diminue successivamente a diarrhea, e finalmente todos os demais symptomas d'esta mortifera molestia desapparecem de ordinario ás 5 ou 6 dozes d'este medicamento. Estas observações revestidas de todas as suas circumstancias são confirmadas pelos Drs. Ardevol, Frau, Sauch, Pascual, e outros em muitos artigos transcriptos pelo A., e n'outros citados em muitos jornaes scientificos.

No estado porém de collapso adiantado, este medicamento é em regra inefficaz, do mesmo modo que o é outro qualquer antidoto n'um invenenamento em estado adiantado; isto é, o acido carbonico neutraliza sim ou expelle a materia toxica, que porventura

possa existir ainda alojada no canal gastro-intestinal, mas não de certo a que houver ja sido absorvida e levada á torrente da circulação, e muito menos modifica ou cura os estragos e lesões dos centros d'innervação e circulação, cujas funcções estão, n'este estado, inteiramente suspensas senão extinctas. — Não obstante, nem ainda assim nós deveremos desesperar de salvar o doente. E vamos ver o modo de preparar e de administrar este medicamento n'este e em todos os estados da molestia.

Lançam-se 30 grãos de bicarbonato de soda, ou potassa, em um um copo meio d'agua, e junta se-lhe uma colher de sopa de xarope simples e mistura-se tudo exactamente; dissolvem-se depois 20 grãos de acido tartrico em um copo dos de vinho meio de agua; e lança-se esta dissolução n'aquelle primeiro copo d'agua e logo se dá a beber ao doente. O acido tartrico póde ser substituido pelo çumo de limão na doze de duas colheres de mesa, e n'este caso é escusado juntar o xarope á dissolução do bicarbonato, porque este so tem por fim tornar menos rapida a evolução do gaz carbonico, e fazer que todo seja ingerido no estomago. — É de preceito que este remedio seja assim preparado e tomado de hora a hora até que todos os symptomas morbidos tenham desapparecido. A 1.ª doze, diz o A., produz sempre allivio, e á 3.ª todos os symptomas se dissipam até mesmo a sensação particular de languor e desfallecimento.

Acontece porém que em alguns individuos de constituição froixa, em que o ataque da cholera começa pela diarrhea, que esta se não suspenda á quarta doze, porque talvez o gaz carbonico seja todo absorvido antes de tocar os intestinos grossos, e expellido pelo pulmão; n'este caso usaremos do carvão em pó, recentemente preparado, na doze de uma colher de sopa ($\frac{1}{2}$ oitava) suspenso em um vehiculo qualquer de duas em duas horas, ou de 3 ou 4 colheres de sopa em clysteres, ate que a diarrhea se suspenda inteiramente. Se o carvão falhar lançaremos mão da greda preparada.

Este tractamento deverá ser continuado por dias até ao complecto restabelecimento do doente, diminuindo porém e espaçando as dozes. Quando a cholera tem passado os dois primeiros estados e está no começo do terceiro, o do collapso, administraremos o remedio de quarto em quarto d'hora, até quatro dozes; e depois de meia em meia hora até que a diarrhea tenha cessado ou pelo menos mudado de caracter, que tenham desapparecido os symptomas do collapso, e que finalmente se tenha estabelecido a febre. — Se esta se demora em apparecer então deveremos empregar algum estimulante, por ex. o carbonato amoniacal.

No caso da cholera começar desde logo pelo collapso, o que é rarissimo na Europa, sem que lhe preceda nenhum dos dous primeiros estados, recorreremos ainda a este tractamento combinado com as preparações d'ether, dos oleos essenciaes, dos carminativos, diffusivos, etc., com o fim de desafiar o mais promptamente possivel a reacção febril.

Qual seja a acção pharmacologica do gaz carbonico é problema ainda não resolvido, e nenhum dos supracitados praticos se dá a esse trabalho; ao contrario todos se contentam em registrar os factos desacompanhados de theorias, crendo apenas que este gaz tenha uma acção directa e especifica sôbre o veneno productor da cholera epidemica, que seja um verdadeira *antidoto*.

Lisboa 12 de settembro de 1846.

* * *

ERRATA.

No numero antecedente escaparam n'alguns exemplares dois erros importantes no artigo: — As necessidades publicas e o futuro parlamento — pag. 191, col. 1.ª lin. 32, está *trinta* em vez de *noventa*, e na lin. 44, mesma pag. e col. está *abolição* em vez de *reducção*.

PARTE LITTERARIA.

VIAGENS NA MINHA TERRA.

CAPITULO XLII.

Protesto do auctor. — Desaffinação dos nervos. — O que é preciso para que as ruinas sejam solemnes e sublimes. — Que Deus está no Colliseu assim como em San'Pedro. — Quer-se o auctor ir embora de Santarem. — Como, sem ver o tumulo d'elrei D. Fernando? — Em que estado se acha este. — Exemplar de stylo byzantino. — Coroa real sôbre a caveira. — O rei d'espadas e o symbolo do imperio. — Quem nunca viu o rei cuida que é de oiro. — Brutalidades da soldadesca n'um tumulo real. — O que se acha nas sepulturas dos reis. — A phrenologia. — Vindicta publica, tardia mas ultrajante. — Camões e Duarte Pacheco. — A sombra falsa da religião. — Regimen dos barões e da materia. — A prosa e a poesia do povo. — Synthese e analyse. — O senso intimo. — Se o auctor é demagogo ou Jesuita. — Jesu Christo e os Barões.

826 Não chamem exaggerado ao que vai escripto no fim do último capitulo; senti o que escrevi, senti muito mais do que escrevi. O que poderá haver é desacerto nas palavras, porque em verdade não sei explicar a impressão que me faz uma ruina n'este estado. Desaffinam-me os nervos, vibram-me n'uma discordancia e dissonancia insupportavel. Queria ver antes estes altares expostos ás chuvas e aos ventos do ceo, — que o sol os queimasse de dia, — que á noite, á luz branca da lua, ou ao tibio reflexo das estrellas, piasse o mocho e sussurrasse a coruja sôbre seus arcos meio-cahidos.

Não me parecia profanado o templo assim, nem descahido de majestade o monumento. Podia ajoelhar-me no meio das pedras sôltas, entre as hervas humidas, e levantar o meu pensamento a Deus, o meu coração á glória, á grandeza, o meu espirito ás sublimes aspirações da idealidade. O material, o grosseiro, o pesado da vida não me vinham affligir ahi.

Deus, a idea grande do mundo — Deus, a Razão Eterna — Deus, o amor — Deus, a glória — Deus, a fôrça, a poesia e a nobreza d'alma — Deus está nas ruinas escalavradas da Colliseu, como nos zimborios de bronze e marmore de San'Pedro.

Mas aqui!... nos pardeiros de um convento velho, concertado pelas Obras-públicas para servir

de quartel de soldados — aqui não habita espirito nenhum.

Quero-me ir embora d'aqui!

E como? sem ver o tumulo d'elrei Fernando? Não póde ser, é verdade.

Onde está elle?

No côro alto.

Subamos ao côro alto.

Oh! que não sei de nôjo como o conte!

O bello jasigo do rei formoso e frivolo, tam dado ás delicias do prazer como foi seu pae ás austeridades da justiça, em que estado está!

Oh nação de barbaros! Oh malditto povo de iconoclastas que é este!

O tumulo do segundo marido de D. Leonor Telles é um sarcophago de pedra branca, fina e friavel, elegante e simplesmente cortada, com mais sobriedade de ornatos do que tem de ordinario os monumentos do seculo XIV, mas de uma acabada sculptura, casta e continente, como o não foi a vida do rei que ahi incerraram depois de morto.

Percebem-se ainda vestigios das vivas côres em que foram induzidos os relevos da pedra branca. — stylo byzantino de que não sei outro exemplar em Portugal. Este é — ou antes, era — precioso.

Era; porque a brutalidade da soldadesca o deturpou a um ponto incrivel. Imaginou a estupida cubiça d'estes Allanos modernos que devia de estar alli dentro algum grande haver de riquezas incantadas, — talvez cuidaram achar sôbre a caveira do rei a coroa real marchetada de perolas e rubís com que fosse interrado, — talvez pensaram incontrar appertado ainda entre as sêccas phalanges dos dedos myrhados, aquelle globo de oiro macisso que lhes figura o rei d'espadas do sujo baralho de sua tarimba, e que elles teem pela indisputavel e infallivel insignia do supremo imperio; — talvez supposeram que mesmo depois de morto, um rei devia de ser de oiro... Emfim quem sabe o que elles cuidaram e pensaram? O que se sabe, porque se ve, é que quizeram abrir e arrombar o tumulo. Tentaram, primeiro, levantar a campa; não poderam: tam solidamente está soldada a pedra decíma ao corpo ou caixão do jazigo, que o todo parece macisso e inconsutil. Mas n'este impenho quebraram e estallaram os lavores finos dos cantos, os caireis delicados das orlas; e a campa não cedeu: parece chumbada pelo anjo dos últimos julgamentos com o sêllo tremendo que so se hade quebrar no dia derradeiro do mundo.

A cubiça estolida dos soldados não se aterrou com a religião do sepulchro, nem lhe causou attrição, ao menos, ésta resistencia quasi sobrenatural das pedras do moimento. Ve-se que trabalhou alli, de alavanca e de ariete, algum possante e ponderoso pé-de-cabra; mas que trabalhou em vão muito tempo.

Desinganaram-se emfim com a tampa; e resolveram atacar, mais brutalmente mas com mais vantagem, as paredes do sarcophago, que justamente suspeitaram de menos espessas. Assim era; e conseguiram na parede da frente abrir um rombo grosseiro por onde entra facil um braço todo e póde explorar o interior do tumulo á vontade.

Assim o fiz eu, que metti o meu braço por essa abertura barbara, e achei terra, pó, alguns ossos de vertebras, e duas caveiras, uma de homem, outra de criança.

Não me lembra que haja memoria alguma de infante que ahi fosse sepultado, tambem, segundo faziam os antigos muitas vezes que punham os cadaveres das crianças nos jazigos dos paes, dos parentes, até de meros amigos de suas familias.

Tive, confesso, uma especie de prazer maligno em imaginar a estupida compridez de cara com que deviam de ficar os brutaes profanadores, quando achassem no tumulo do rei o que so teem os tumulos — de reis ou de mendigos — ossos, terra, cinza, nada!

Por mim, estive tentado a furtar a caveira d'elrei D. Fernando. Se acreditasse na phrenologia, parece-me que não tinha resistido. Não creio na sciencia, felizmente — n'este caso — para a minha consciencia. Tambem não sei o que faria se a caveira fosse de outro homem. Mas o 'fraco rei' que fez 'fraca a forte gente' não são reliquias as suas que se guardem.

Oh! e quem sabe? Ésta profanação, este abandono, este desacato do tumulo de um rei, alli na sua terra predilecta — D. Fernando era santareno de affeição — não será este o juizo severo da posteridade, a vindicta publica dos seculos, que tardia mas ultrajante, cai emfim sôbre a memoria reprovada do mau principe, e lhe deshonra as cinzas como ja lhe deshonrára o nome?

Quero acreditar que tal não podia succeder aos tumulos de D. Diniz, de D. Pedro I, dos dois Joannes I e II, de...

Sim: e aonde está o de Camões? O de Duarte Pacheco aonde *esteve*? que ainda é mais vergonhosa pergunta ésta última.

Em Portugal não ha religião de nenhuma especie. Até a sua falsa sombra, que é a hypocrisia, desappareceu. Ficou o materialismo estupido, alvar, ignorante, devasso e desfaçado, a fazer gala de sua hedionda nudez cynica no meio das ruinas profanadas de tudo o que elevava o espirito...

Uma nação grande ainda poderá ir vivendo e esperar por melhor tempo, apezar d'esta paralysia que lhe pasma a vida d'alma na mais nobre parte de seu corpo. Mas uma nação piquena, é impossivel; hade morrer.

Mais dez annos de barões e de regimen da materia, e infallivelmente nos foge d'este corpo agonizante de Portugal o derradeiro suspiro do espirito.

Creio isto firmemente.

Mas ainda espero melhor todavia, porque o povo, o povo povo, está são: os corruptos somos nós os que cuidâmos saber e ignorâmos tudo.

Nós, que somos a prosa vil da nação, nós não intendemos a poesia do povo; nós, que so comprehendemos o tangivel dos sentidos, nós somos extranhos ás aspirações sublimes do senso-íntimo que despreza as nossas theorias presumpçosas, porque todas veem de uma acanhada analyse que procede curta e mesquinha dos dados materiaes, insignificantes e imperfeitos; — em quanto elle, aquelle senso-íntimo do povo, vem da Razão divina, e procede da synthese transcendente, superior e inspirada pelas grandes e eternas verdades que se não demonstram porque se sentem.

E eu que escrevo isto serei eu demagogo? Não sou.

Serei fanatico, jesuita, hypocrita? Não sou.

Que sou eu então?

Quem não intender o que eu sou, não vale a pena que lh'o diga...

Perdoa-me, leitor amigo, uma última reflexão no fim d'este capitulo ja tam seccante, e prometto não reflectir nunca mais.

Jesu Christo, que foi o modelo da paciencia, da tolerancia, o verdadeiro e unico fundador da liberdade e da egualdade entre os homens, Jesu Christo soffreu com resignação e humildade quantas injustiças, quantos insultos lhe fizeram a elle e á sua missão divina; perdoou ao matador, á adúltera, ao blasphemo, ao impio. Mas quando viu os barões a agiotar dentro do templo, não se pôde conter, pegou n'um azorrague e zurziu-os sem dor.

(Continúa.) *A. G.*

OS QUATRO-IRMÃOS.*

VII.

Fazei, que em vós se vêja
Que mais que o braço, o coração peléja.
(*J. X. de Matos, Canç. IV. ao M. de Marialva.*)

SANGUE!

827 É noite fechada.

O céo está coberto e dão relampagos, de quando em quando.

Vem umas bafagens de vento quente, e redemoinham pelos campos as folhas dos choupos e das uveiras.

A thia Brites infadada com a dilação do maluco, infadada a valer, de o esperar em vão, sem que lhe elle apparecesse, nem mandasse novas do sr. doutor, tirou-se de seus cuidados e veio para a cozinha preparar uma sopa doce, de vinho, mel e pão *branco*, para dar alento ao seu infermo estremecido.

Assentou-se, pois, a bôa da velha na lareira, ajunctou as brazas... chegou-se á bocca do forno, onde tinha a rocca, a peneira e o pichel do azeite, e pôz-se a temperar a sôpa n'uma escudélla de barro vermelho.

Depois tirou do peito os bentinhos, uma figa de azevíche, e um ramo de arruda, e começou a benzer em cruz... porque Brites, com toda a sua virtude, acreditava em dadas e em máus quebrantos.

Maria entrou, e como se não quizera conversas, incostou-se para a masseira, e ficou pensativa.

— Em que cuidas tu, Maria? — perguntou a viuva, quando deu por ella.

— Eu... em nada, thia Brites; não cuidava em nada.

— Não, isso, Maria!.. tu não és liza commigo agora; chega-te cá, deixa ver... deixa-me ver aqui á luz,.. Maria! tu que tens?.. tu choraste!..

— Não chorei, não... devéras.

— Maria! — proseguiu a velha, segurando-a com força pelo braço, e levantando-lhe o rosto para cima com a mão direita — eu bem te vêjo os olhos inchados... Filha; filha da minh'alma... tu que tens?.. tu por que choras?..

A môça ja não podia conter-se... desatou n'um soluçar suffocado, e com a vóz orvalhada de lagrimas, respondeu á viuva que a acarinhava:

— Thia Brites... thia Brites... amanhãa quero-me ir embora.

* Concluido de pag. 199.

— Pois que é... pois que te fizeram?

— Não sei... mas não posso... oh! perdoe-me... não devo estar n'esta casa.

— Maria! que dizes tu...

— Digo que...

A donzella encostou a cara ao seio ingelhado da velha, que pôz as mãos e exclamou com amargura:

— Oh! meu Deus! inda terei mais crueis penas...

— Não tem, não n'as terá por minha via — lhe tornou a moça, alimpando os olhos e beijandoa-a com respeitoso temor.

— Pois... por via de quem, filha?..

Maria estava talvêz em confessar tudo a Brites; ia contar-lhe como por sua causa andavam em rixa os tres rapazes da casa, e o que, á tarde, lhe succedêra... ia contar-lhe, emfim, a inclinação fatal, que tinha por seu primo Pedro... quando um rumor de brados confusos as fez estacar e immudecer a ambas.

— Que será isto? — exclamaram ellas, quasi á uma.

O alarido crescia, crescia... e ja se differençavam claramente as vozes de Pedro e do estudante.

A velha estremeceu, e gritou passada de susto:

— Ai, Deus do céo! que é certa a minha desgraça!

Palavras não eram dittas, quando Manuel rompeu a arrastar-se com vacillantes passos, pela porta dentro, e atravessou como uma sombra da morte, para o patim das escadas do quintal.

Oh! com que afflicção a thia Bristes correu direita a elle, a segural-a com ancia pela manta de burel, que o cobria!.. Oh! com que angustia lhe não fallava!

— Manuel, Manuel... meu filho! e Jesus! onde vás?..

— Minha mãe... por quem é, não me detanha...

— Mas espera... ouve cá meu filho...

A viuva suspendia-o agora pela camiza, em que nadava, á larga, aquelle corpo consumido pelas maleitas.

O mancebo batalhava por lhe escapar.

— Não me detenha... deixe-me...

— Pois onde vas tu? quero sabel-o...

— Vou poupar-lhe um pezar, que a mataria.

— E não me acabas tu?.. matas-me, filho, se...

— Deixe-me, senhora... adeus!

Foram sêccas e decididas éstas vozes do moço!.. fuzilava-lhe na vista um clarão... como o da luz antes de extinguir-se; e tanto lidou que a poder d'esforços... desembaraçou-se d'entre as mãos da velha...

Ella, coitada! fugiram-lhe os pés, cahiu de joelhos, cahiu de bruços, e rojava-se atraz do infermo, carpindo-se e clamando:

— Manuel, Manuel... tem dor de mim... mataste-me!

Mas seu filho descêra; não chegou a ouvil-a, não chegou a vel-a, assim prostrada por terra; que senão... ao respeito e á lei que lhe tinha...

Maria chegou-se a ella, ergueu-a para cima, em pêso, amparou-lhe a cabeça contra o peito, e rociou-lh'a de lagrimas ardentes; confortou-a, por fim; porem Brites não lhe respondeu... pozlhe os olhos, que nem viam siquer, porque lh'os vidrava o pranto, e ficou-se a arquejar, a arquejar...

Ah!.. mas que eloquencia não havia n'aquelle choro, n'aquelle gemer abafado, n'aquelles suspiros brotados d'alma, em que éstas duas mulheres confessavam, mutuamente, os seus receios!..

Era de partir um coração de rocha vel-as abraçadas, lamentando-se!.. os negros anneis de Maria confundidos com as alvas madeixas da viuva!.. as faces mimosas da virgem repoizando na descarnada face da velha!..

As primeiras fallas que Brites preferiu, que se intendessem, foram para pedir ao Senhor que a levasse d'este mundo, se não lhe havia de acudir em tammanha apertura.

A moça procurava consolal-a — e mais carecia de consolação na sua magua propria!

— Socegue, thia Brites, socegue, que Deus não hade permittir... não...

— Ai, que se tu suspeitáras, Maria, o porque eu temo!.. e Jesus Senhor! meu filho, meu ricco filho... quero seguil-o, não me segures moça quero ir com elle... e salval-o, que não pode...

A triste mãe debatia-se para se desprender d'entre os braços de Maria; desemparou-a o alento, e o animo, e ficou desmaiada, outra vez contra o seio da donzella.

O motim dos gritos ia serenando... serenára, como as ondas do mar, quando mugem depois da tormenta a emballar o lenho do batel despedaçado.

As duas infelizes viraram-se com anciedade.

Era o padre Francisco Pedreira.

Veio então pelas escadas arriba um rumor de passos atropellados...

de...

— Meu thio, meu querido thio!.. — bradou Maria a voar para o sacerdote, como se tivera n'elle um abrigo certo para o seu cuidado.

A velha exclamou tambem forcejando para pôr-se em pé:

— Padre, Padre! não ouviu, não nos topou?.. falle, falle... — e o mais que tinha a dizer, disse-o... co'os olhos.

O cura deu dois passos para diante... A sua figura tinha não sei que temeroso aspecto; o rosto trazia-o descorado, como o papel, e livido, como o de um desinterrado; as cãas estacavam-se-lhe na cabeça, a prumo, e a loba coberta de po do caminho, mostrava uns laivos... vermelhos.

É que o desgraçado — oh! quem tal adivinhára! — ao voltar da cidade, veio incontrar na estrada a profiosa briga dos quatro-irmãos, e cahia-lhe agora em sorte...

A viuva e Maria da Egreja attentaram-lhe no vestido, e recuando, como assombradas da pedra do raio, romperam dizendo a um tempo:

Sangue, sangue!!...

O padre cura não lhes deu palavra... mas naquelle silencio de dois ou tres credos revelava-se inteira a crua verdade.

As miseras, infiadas e balbuciantes, prostraram-se e abraçaram-se-lhe aos joelhos. Elle... amparava-as brandamente nos braços, e tinha-se mudo e alçado, com a vista firme no ceu, a pedir valor para aquella dura missão.

A thia Brites afoitou-se a perguntar, finalmente:

— Padre... ja agora... declare-m'o... qual d'elles foi?..

— A vontade de Deus seja feita! — respondeu-lhe o sacerdote n'um tom solemne, que punha mêdo.

— Oh! que martirio, padre!.. acabe... qual d'elles?..

— Todos. — Tornou-lhe o cura, immovel, que parecia um penedo.

— Todos!.. ai, Senhor, que...

A velha, começava quasi a varrer-se-lhe a luz da razão; espantada da vista, com a bocca secca; com as maçans do rosto tingidas d'um rubor pasmado... era a febre da afflição que tinha mão n'ella; ao apagar-se-lhe aquelle fogo, apagava-se-lhe a vida tambem.

Que dó não mettia vel-a e ouvil'a!..

— Todos... oh! mente... mente... não póde ser... ingana-me... pois elle... pois seria assim, Deus do ceu?.. seria o estudante?..

— Antonio...

— Diga...

— La fica á beira do caminho...

— Ai, negras partilhas...

— La fica banhado em sangue.

— Nome de Jesus! quem me acode... e Pedro?..

— Tambem.

— Castigo de mens peccados!

A viuva arrepelava-se e esbofeteava a cara. Maria turbaram-se-lhe os sentidos, e cahiu meia morta sobre a lareira.

O thio não n'a soccorreu, que nem siquer d'isso deu fé. So cuidava em confortar a Brites, que reunindo todo o seu vigor, como se o desvario da paixão lhe clareasse por um momento, deitou-lhe as mãos e interrogou-o convulsa:

— Não me ingane, padre... descubra-me a verdade... diga-me... e então elle?...

— Quem, mulher?..

— Elle... o doente... o meu filho?..

— Manuel...

— Ai! que é?..

— Manuel...

— Parti-lhe a cabeça c'o mascoto do arado! — atalhou João, que assomava ao patim.

A thia Brites não chegou a ouvil'o... ja tinha cahido estatelada no chão.

O cura co'o braço direito alçado, parecia esconjurar o maluco... porém ficou-se alli quedo ao vel'o.

E tinha razão...

Os cabellos e o vestido era uma pasta de terra e sangue... do sangue que lhe manava meio-coalhado do craneo; da bocca escorria-lhe uma espuma verde... Causaria mais horror o mendigo que Murilho pintou?

A cambalear... encostado ás paredes... foi-se chegando á beira da moça, e sem fazer cabedal do thio, que estava varado, prostrou-se diante d'ella, tomou-lhe a mão descorada... e com os olhos turvos de agonia da morte, e com uma voz funda que lhe rebentava das cavernas do peito, similhante ao rugir do tigre... balbuciou-lhe éstas palavras fataes:

— Maria... matei a meus irmãos, por possuir-te... Maria...

Não se lhe intendeu mais que um gemido...

Era o derradeiro! *Pereira da Cunha.*

CRITICA LITTERARIA.

828 *Collecção de memorias e documentos para a historia do Algarve*, por *Bernardino José de Senna Freitas*. — Acham-se publicados trez folhetos. — Faro 1846,

Alguns bons ingenhos d'esta nossa terra tem ja assentado, e demonstrado com a doutrina, e com o exemplo, que o estudo da sciencia da historia é aquelle para o qual hoje devem principalmente convergir os esforços dos sinceros cultores das lettras patrias. Graças sejam dadas a esses, que não se tem poupado a indicar, e propalar assim uma verdade tão util, e tão necessaria. — O seu exemplo, e a sua doutrina não tem sido infructiferos.

A despeito dos embaraços verdadeiramente pasmosos, com que precisa lutar um auctor para, *seguro da sua consciencia*, confiar ao prelo qualquer obra historica, algumas se estão actualments publicando entre nós, e outras em vespera de sahirem a lume, que dão uma idea bastante lisonjeira, dos progressos, que vamos fazendo n'esta sciencia.

Por minha parte intendo, que se ha hoje em Portugal alguns espiritos trabalhadores, como creio que ha, cujo empenho em levantar o edificio da civilização, e illustração publica, mereça louvor, nenhuns tem tantos direitos a esses louvores, como os mineiros archeologos, que sepultados nos archivos, e cartorios, enterrados na poeira das velhas chronicas civis, e monasticas, andam explorando os materiaes, que servem para formar a — historia da nação —, base principal, e a mais solida d'aquelle grande edificio. Por isso me não soffre o animo deixar de pagar o meu tributo de gratidão a estes homens benemeritos, todas as vezes, que elles, ao cabo de muito investigar, e trabalhar, veem pôr ao decima da terra, aos olhos, e disposição de todos, o fructo tirado d'essas investigações, e trabalhos.

N'este caso me parece estar a collecção de memorias, e documentos para a historia do Algarve. Seu auctor, o nosso ja bem conhecido archeologo o Sr. Senna Freitas, não duvidou desterrar-se aqui da côrte, onde se achava, para ir elle proprio ao Algarve desinterrar, juntar, compôr, e imprimir todas as riquezas historicas que formam aquelle livro, — o primeiro dado á luz publica na provincia. Lá descobriu em cartorios, alguns dos quaes não se abriam ha trinta annos, diplomas, e pergaminhos rarissimos. Lá achou embebida entre outras pedras, na parede do arco da porta de Faro, uma preciosa e antiquissima lapida, que ha seculos alli jazia procurada por curiosos, e escondida aos sabios pelo pincel do caiador, que á força de a rebocar, tinha conseguido occultar-lhe a inscripção! O nosso archeologo, encarregado pela camara, e a expensas do referido municipio fez collocar esta lapida *nos paços do concelho*, com toda a solemnidade, e de que se lavrou auto de inauguração.

Grande é o serviço, que presta á nossa patria aquelle, que arranca ao olvido, e despreso, ou ainda mais, ao moderno vandalismo, os vestigios, que nos restam do que foi Portugal; mas quem poderá encarecer, ou siquer avaliar o serviço d'aquelle, que generoso, e desinteressado commette esta tão nobre empresa n'uma terra, como o Algarve, celebre e notoria desde a mais remota antiguidade pelas suas cidades florescentes, pela sua população abundante, pela sua posição tão feita ao commercio; n'uma terra onde se encontram templos do tempo dos romanos servindo de alpenduradas, onde se veem convertidas em pavimentos de calçadas algumas pedras monumentaes?

J. M. Campêlo.

VIAGENS.

QUEM FOI O DESCUBRIDOR DA ILHA DE SAN'THOMÉ.

829 « Em todas as idades produziu o Algarve individuos benemeritos da patria, que os julgou dignos de louvor e gloria por suas virtudes, sciencia, e destimida coragem... — Depois da incorporação do Algarve á monarchia portugueza não poucos de seus habitantes floreceram nas armas, sciencias e virtudes, distinguindo-se sobremaneira nos serviços que prestaram aos descubrimentos do infante D. Henrique, nas guerras que sustentámos no Algarve de além-mar depois da conquista de Ceuta, e nos valiosos soccorros com que acudiram prestes ás praças sitiadas pelos mouros, mui particularmente nos cercos d'Arzila e Mazagão, tempos em que alli floreciam familias distinctas, que por taes serviços adquiriram nobreza e fidalguia. »

Assim se expressa o auctor da chorographia do Algarve, cap. 1.° § 7.° pag. 34 e seg. (1841). E nós, compulsando venerandos codices, e anciãos titulos sacros de gentilezas, e heroicidades, que dormem ha seculos no pó d'estes archivos, publicaremos os nomes e os feitos de alguns dos benemeritos algarvios a que a allude o citado escriptor.

Tendo el-rei D. João II subido ao throno nos derradeiros dias do mez de agosto de 1481, tam cuidadoso se mostrou em dar incremento ao nosso commercio africano, e em beneficiar a ilha de San'Thomé, que em 29 de julho de 1493 nomeou governador d'aquella ilha, a Alvaro de Caminha, fidalgo cavalleiro da casa d'elrei, oriundo da cidade de Faro; e fez-lhe a doação da capitania da referida ilha de juro e herdade, com 100$000 rs. de renda annual, em remuneração de seus serviços. E em 20 de novembro do mesmo anno lhe foi conferida a alcaidaria-mor da fortaleza, que devia-se construir-se; sendo em 8 de dezembro investido de toda a jurisdicção civil e crime, reservando morte de homem, e talhamento de membro.

Os filhos de ambos os sexos, dos judeus hispanhoes captivos, refugiados em Portugal no anno antecedente, que se haviam separado dos paes, e recebido o baptismo, lhe foram entregues; afim de que com elles, e com os degradados, que para la iam cumprir sentença, fosse a ilha povoada; levando um *regimento*, pelo theor *de alçada, ou instrucções*, em que lhe era determinado, *que désse a cada um uma escrava para a ter, e se d'ella servir*, havendo o principal respeito a se a ditta ilha povoar.

Em sua companhia levou Alvaro de Caminha algumas pessoas qualificadas seus parentes, e acostados: e os privilegios do primeiro foral, concedido aos moradores da ilha, foram ampliados em 19 de dezembro de 1493, permittindo-se-lhes o resgatar, em toda a terra firme até o rio real, e ilha de Fernão do Po etc. pimenta e escravos etc. com a clausula porém, de não poderem ir aonde houvesse ouro.

O benemerito e intelligente povoador, dando todo o impulso aos melhoramentos da ilha, estabeleceu a povoação na margem da bahia de — Anna Chaves — edificando logo uma egreja, que depois foi matriz.

A benefica e creadora administração do Farense Al-

varo de Caminha muito concorreu para os rapidos progressos que alli fez a agricultura, nomeadamente da cana de assucar, que foi levada da ilha da Madeira.

São éstas as noticias que d'este illustre algarvio nos deixaram os nossos chronistas *Garcia de Rezende*, e *Ruy de Pina*, bem como o *almirante Quintella*, nos seus *Annaes da marinha portugueza*; e as que se incontram em diversos *codices da torre do Tombo*: porém o que ainda não nos disseram é, que este Alvaro de Caminha foi o *descubridor da ilha de San' Thomé*.

É pois de justiça restituir a palma a quem soube merecel-a, palma, que um escriptor contemporaneo parece quer entregar nas mãos de *João de Santarem e Pero d'Escobar*, que no anno de 1470 foram ao descubrimento da Costa além do cabo das Palmas, por conta do arrematante Fernão Gomes.

Diz o escriptor a que alludimo, no liv. 2.° dos seus —*Ensaios sôbre a statistica das possessões portuguezas no Ultramar*— na *introducção* a pag. 6: ' os escriptores do tempo, Gomes Eannes e Ruy de Pina, attentos a lisongear a inclinação do monarcha em seus feitos de armas, quasi nenhum cabedal fizeram d'estes descubrimentos mercantís: e é por isso que ainda até hoje corre por duvidosa a epocha da descuberta das ilhas de San'Thomé... Acredita-se, porém, geralmente e com bastante probabilidade, que *João de Santarem, e Pero d'Escobar*... no dia 21 de dezembro, dia do apostolo San'Thomé, avistaram uma ilha grande cuberta de arvoredo, a que poseram o nome d'aquelle Sancto apostolo...' E na parte 2.ª do cap. 1.° corrobora ésta asserção nos seguintes termos. « Ja na introducção a este livro indiquei a obscuridade, que pende (pelo indisculpavel silencio a tal respeito dos chronistas dos seculos XV e XVI) sôbre a epocha do descubrimento das ilhas de San'Thomé... e alli mesmo apontei a opinião mais provavel, e vem a ser, que éstas com a de Anno-bom *foram descubertas por João de Santarem, e Pero d'Escobar etc.* »

Mais cauteloso andou, em suas probabilidades, o auctor dos Annaes da marinha portugueza: na part. 1.ª mem. 1.ª pag. 188, diz assim. « Outros navegantes portuguezes, *de quem se ignoram os nomes*, descubriram n'este mesmo anno as ilhas de San'Thomé. »

E o circumspecto escriptor D. Fr. Francisco de San' Luiz, patriarcha de Lisboa, ha pouco fallecido, no seu — *Indice Chronologico* — a pag. 56, assim se expressa: « Finalmente as outras ilhas... San'Thomé... parece natural terem sido descubertas pelos mesmos tempos, visto serem situadas n'aquelles mares, tam frequentados então dos navegantes portuguezes. »

Revendicar a gloria do verdadeiro descubridor da ilha de San'Thomé, revendicar a gloria de Alvaro de Caminha Sotomaior, não consentindo que por mais tempo se lhe usurpe o que lhe for devido, era o nosso desejo, e maiormente sendo nós quem descubrimos ésto novidade involta no pó de seculos, collocando assim o seu nome no logar que lhe competir na historia geral dos nossos descubrimentos.

A nossa asserção não é prova irrecusavel: no codice mais antigo da camara da cidade de Faro, a pag. 61 linha 46, deparâmos ésta noticia em uma allegação, que este municipio dirigiu a Philippe IV, aonde se le o seguinte. » Alvaro de Caminha Soto-maior capitão de uma armada, natural d'esta cidade, fez muitos serviços e *descubriu a ilha de San' Thomé*, e por este e outros muitos serviços lhe fez el-rei m. (mercê) de capitão. » isto é, da capitania da ilha.

Podendo porém oppôr-se em contrario razões, porventura de não pouco pêso, fundadas na insufficiencia do documento, d'onde extrahimos este trecho, para tirar uma incerteza, que havia durado por duzentos annos até á epocha, em que essa allegação foi escripta, e da qual os signatarios sabiam o que tinha escapado a todos os que antes d'elles haviam existido, e escripto sôbre tal assumpto, so poderemos apresentar este achado como uma variante, que bem póde converter-se em certeza, depois de mais algumas combinações e estudos, a que não nos pouparemos. Todavia, tendo sido os signatarios vereadores dos mais respeitaveis que então havia na cidade de Faro, não deixa a sua asserção de ser noticia de algum pêso, que vem diminuir o em que tinhamos as probabilidades com que alguns escriptores attribuiram o descubrimento da ilha de San'Thomé a outros individuos.

B. J. Senna Freitas.

POESIA.

NADA MAIS QUE O MEU AMOR.

830 Quem me dera que ella fosse
Das estrellas
As mais bellas,
A primeira
A mais linda, a mais fagueira.

Que entre os anjos ella fosse
Escolhida
Conhecida,
Por formosa
Pudibunda e vergonhosa.

Que entre nimphas ella fosse
Acatada
Venerada,
Da candura
A mais linda formosura.

Que entre flores ella fosse
Como a rosa
Magestosa;
Sem ter della
Os espinhos que revella.

Mas estrella que brilhasse
Com lisura,
Sempre pura
Sem ter veu
A ser bella era do ceu.

Se entre os anjos escolhida
Por beldade;
Castidade
E pudor
Matariam meu amor.

Se entre nimphas fosse tida
Por modêllo;
So de vel-o
A razão
Perderia o coração.

Se entre as rosas avultasse
Por singella;
Pobre d'ella
Sem abrir
Poderia bem cahir.

Pois não cubice do rosa
Ter a belleza e fulgor;
Nem ser nimpha, nem estrella
Nem dos anjos ter pudor.

Não cubice dons celestes
Nem gozar maior favor,
Que na terra, nada goza
Nada mais que o meu amor.

L. A. Palmeirim.

CORREIO NACIONAL.

831 *Praça de Lisboa.* — Na última semana realizaram-se grandes transacções em fundos publicos, apparecendo muitos compradores; e pelo contrário a respeito das acções das companhias. Os metaes conservaram os seus preços; augmentou o cambio das notas; baixaram os fundos-publicos; as acções de companhias sustentaram os preços.

No dia 20 entrou o paquete do Mediterraneo com 176 passageiros, e sahiu no mesmo dia com 174.

No dia 16 entrou do Porto o vapor *Quinta do Vezuvio* com 65 passageiros, e sahiu no dia 22 para a mesma cidade com 72.

Consta que a commissão-municipal de Lisboa, tomára a boa resolução de mandar alguns alumnos da Casa-pia á Suissa, para serem educados, nos conhecimentos agriculas, n'um famoso estabelecimento prático que ha n'aquelle paiz destinado a ésta importante educação. Parece que a commissão municipal se pozera para este fim em communicação com o director do instituto de Hofwyl.

Por decreto de 5 do corrente se regula o pêso e fórma das moedas de cobre, denominadas *macutas*, da provincia d'Angola.

No dia 16, anniversario do Principe-real, recebeu S. A. pela primeira vez o Sacramento da Communhão, que lhe foi administrado pelo Em.^mo^ Cardeal-Patriarcha no templo de Sancta Maria de Belem, com toda a solemnidade. S. A. o Duque do Porto confessou-se n'esse dia tambem, pela primeira vez, ao mesmo Cardeal Capellão-mor.

A commissão municipal de Lisboa acaba de pôr a concurso a illuminação-a-gaz d'esta cidade. A adjudicação terá logar no dia 19 do proximo novembro. As condições d'este concurso parecem formadas com todo o conhecimento do objecto, e maduramente pensadas; a sua redacção, uma das difficuldades do assumpto, é a todos os respeitos excellente.

A *Revolução de Settembro* de 18 do corrente publíca a statistica criminal do districto de Vizeu durante o mez de agosto último. O seu resultado é o seguinte:

Assassinios 3 — ferimentos 2 — attentados contra a propriedade 2 — incendio 1 — roubo-sacrilego 1 — Total 9.

Entre os ferimentos nota-se uma briga de duas mulheres, e entre os mortos outra mulher, com uma pedrada de seu genro.

Diz-se que estão affectos ao governo importantes alvitres financeiros, tanto a respeito da fazenda publica como das companhias monetarias.

Suicidio — O caixeiro de uma loja de mercearia n'uma rua proxima ao Collegio-dos nobres suicidou-se, parece que por motivos domesticos.

Temos no Porto duas companhias de opera italiana. Viva a fortuna da cidade invicta! o que ha la de mais temos nós ca de menos. Como quer que seja, uma d'estas companhias hade ficar fóra do combate; a outra deve começar as suas representações regulares, nos fins de novembro; d'aqui até la hade dar algumas representações extraordinarias.

Sabbado (26) é o beneficio do Sr. Epiphanio no theatro de D. Maria II, com a primeira representação do drama em 6 quadros *Miguel Angelo Buonarotti*, nova composição do Sr. Mendes Leal Junior. O merito do artista beneficiado, e o nome do poeta auctor do drama, são dois incentivos que não podem deixar de attrahir a concurrencia publica.

Sabbado (19) houve espectaculo no theatro de D. Maria II, em beneficio do cofre do monte pio-philarmonico. N'um intervallo da peça executou-se um setteminio, composição do Sr. Vicente Schira: é um trecho de musica que me pareceu bem escripto. O Sr. Masoni tocou umas variações sobre motivos da 'Anna Bolena.' O illustre professor distinguiu-se, como sempre, na segurança e nitidez da sua execução, e no bem acabado de todos os passos ainda os mais dificeis.

Parece que uma sociedade de curiosos tenciona dar no theatro da rua dos Condes uma representação, em beneficio do actor Rosa, ausente nos Pirineos, aonde tem estado tractando da sua saude, ao que se diz com muito aproveitamento. A peça escolhida é *Frei Luiz de Sousa* ja executada pelos mesmos curiosos.

Macrobio — Acaba de fallecer, n'esta cidade, um homem com 103 annos de idade, pessoa conhecida, e que gozava de todas as suas faculdades mentaes.